



Antónia Ruivo, pseudónimo de Maria Antónia Rato Ruivo, nasceu em Évora a 25 de Janeiro de 1961, tendo a cidade de Montemor-o-Novo como berço e seu ponto de referência. Tem formação em Design de Moda. Tem textos publicados em várias coletâneas de prosa e poesia e, com este, dez livros a solo, entre os quais três romances. Publica regularmente crónicas de opinião na imprensa regional sobre a atualidade regional, política e social.

Em 2011 viu o seu nome referenciado ao lado de outros poetas contemporâneos no estudo levado a cabo pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Apontamentos Invencionistas: poéticas alentejanas. Integrado nas Novas Poéticas da Resistência: Portugal século XXI).

Fez parte do Conselho de Redação da Revista de Cultura Callipole, foi dirigente associativa e cabeça de lista eleita em eleições autárquicas.

Vestida Para Esquecer

Antónia Ruivo

Vestida Para Esquecer

Título: Vestida Para Esquecer

Autora: Antónia Ruivo

Capa: Antónia Ruivo

Paginação: Antónia Ruivo

1ª Edição | Fevereiro 2023

Depósito Legal nº 509761/23

Edição revista e atualizada: 2026

ISBN: 9789403924533

Impressão: Bookmundo

<http://antonia-ruivo.wixsite.com/poeta>

<https://www.facebook.com/AutoraAntoniaRuivo/>

Algumas palavras do livro seguem a grafia anterior ao Acordo Ortográfico de 1990

Todos os direitos reservados ao abrigo da legislação em vigor.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal, salvo as exceções devidamente previstas na lei.

“Tudo o que se passa no onde vivemos
é em nós que se passa.
Tudo o que cessa no que vemos
é em nós que cessa.”

Fernando Pessoa

Nota de Apresentação

As personagens que são a vida e a voz desta estória fazem parte do meu imaginário alentejano. Teci todos os papéis a fio de estopa e o seu universo está dividido entre o presente e a memória. São atores de um palco oblíquo, perceptível à época, às raízes e aos sonhos. O seu papel varia consoante o carácter e afirma-se no desenrolar da trama.

Nela encontram um enleio de emoções e até se embrenham nalguns absurdos. Apesar de fictícia, esta estória também pretende dar voz à nossa história recente. Nos fiapos da criação estão os serões envoltos na penumbra de uma chaminé, está a voz dolente das gentes ligadas à terra e também se faz presente na mortífera luz de um candeeiro a petróleo.

Em Portugal, no final da década de 70 do século XX, no quotidiano das comunidades rurais, a oralidade era o pão nosso de cada dia. Através dela, os recortes diários da vivência alcançavam a geração seguinte. O obscurantismo da época estimulava a necessidade de manter vivos os pedaços da labuta diária. Prática que transformou a minha meninice num universo repleto de memórias e eventos.

Tive o privilégio de crescer no seio de conversas sadias, distante da viciação facilitista do século XXI, época em que qualquer acontecimento nos entra pela casa dentro, à distância de um clique. Quando era criança, o fundo negro de uma chaminé, numa humilde casa de camponeses, facilitava o coabitar dos sonhos com as ambições e os temores. Invoquei também a realidade do meu país. Revezei a narrativa entre a veracidade e a minha utopia.

Digo que as páginas deste livro não têm estória, mas sim história, porque a minha geração nasceu num tempo em que sonhar e ambicionar, à luz do sol, era quase proibido.

As personagens, nas suas vivências, são reais para muitos alentejanos. Peço que não me levem a mal pela ousadia do pensamento, mas não olhem este romance com benevolência. Foi séria a intenção de alfinetar os vossos sentimentos. Também foi escrito em jeito de homenagem, um tributo aos que sofreram na pele os adregos da ditadura salazarista. Tenho a ambição de inflamar os vossos afetos e a visão do país e, sobretudo, do Alentejo de há umas décadas.

Jamais pretendi fazer das personagens uma quimera ou regozijo. Todas elas habitam um mundo que tem tanto de pragmático como de atuante. Resultante, desde logo, da menor ou melhor aceitação, por parte de quem se atrever a desvendar este livro.

O horizonte atual disfarça uma névoa a pairar no meu, ou no nosso universo. Apesar da distância pretendida nesta estória, nalguns aspetos, essa névoa ainda permanece atual. Existem por aí fantasmas que ainda cobiçam sair da tumba. Daí que milhentas sejam as faces a quem dar voz, por muitos que sejam os sonhos a recriar e os medos a afastar.

Esse papel caberá ao narrador, em outras estórias com história por contar. Um dia, quem sabe... Correndo contra o tempo, contra correntes ou valores instituídos.

Todos eles perdem a caducidade. Ou não fosse a vida cíclica e a sede em demasia propícia a banalizar. E como podem ser banais todas as estórias sem cor e como pode ser penosa a História vestida de esquecimento!

Antónia Ruivo

Não vejas em mim o vazio
sou um riacho escondido no ventre da terra
no caudal transporto mil sonhos
e nas margens a orla do pensamento inferior.
No fundo sou um poço sem fundo
um tormento, um momento
passageiro.

I

Em criança sonhou
que mudaria o impossível.
Quando se tornou mulher,
descobriu que sonhar
nem sempre faz parte da vida.

Caminha ausente do mundo e leva a pressa nos passos... Percorre a estrada que rasga a planície alentejana. O céu faz de telhado aos pensamentos e o sol começa a brilhar por entre os melancólicos sobreirais.

O cenário envolvente é soberbo, revela os ecos da memória, as arrelias dos dias ou a graça dos sonhos. O peso dos ombros desaba nos pés. Passos firmes na gravilha, entre o alcatrão e a valeta. O gemer das pequenas pedras transporta a frágil figura para a eira, nos dias de calmaria. Vislumbre ou ilusão? Pouco importa. Veio em seu socorro e faz com que ignore o trânsito, que passa por ela em alta velocidade. Precisava de acreditar que a correria consegue arrastar as nuvens de tempestade em que a alma levita. O desassossego é quase irreversível. Submerge numa luta desigual. Não sabe se conseguirá continuar, de alguma maneira, ligada à vida que acabou de jogar para o alto. Talvez ainda lhe reste uma fina esperança. Talvez tudo não passe de um sonho mau. Ou talvez desapareça de vez e recomece bem longe das suas origens. Com outro nome.

Por que não?

Sonda e escorraça o medo de como a batalha em que se meteu poderá terminar. Afasta-se da cidade de Évora, onde

reside, desejando deixar para trás tudo aquilo em que se transformou: uma mulher sofrida e tolhida pelas circunstâncias. Por companheira de marcha, leva nos olhos uma réstia de brilho e a certeza clara, embora efémera, de que finalmente se irá reencontrar com ambições do passado.

Quimeras perdidas ou tempo longínquo?

Época em que se despiu de toda e qualquer pretensão. Durante anos sepultou o secretismo dos sonhos num baú sem memória; só agora ganha consciência de tão crua realidade. Segue de cabeça baixa. De vez em quando, abranda o passo, tentando embriagar-se do ar. Olha em redor. O perfume das giestas e das margaridas, de mãos dadas com o da flor do sargaço e das restantes flores silvestres, deixa no campo um odor agradável, uma mistura adocicada, mas incapaz de lhe atravessar o espírito. Em outras circunstâncias inundar-lhe-ia os sentidos; neste momento, dissolve-se sem sequer lhe tocar o coração.

A culpa de tão grande ansiedade passa pela encruzilhada em que se encontra. Desde as duas da madrugada que trava uma luta feroz com tudo o que lhe resta de uma existência crua e de uma vida atabalhoada.

À sua volta, nos declives do terreno, a natureza faz das suas e as papoilas ondulam ao sabor da aragem. Ao invés de uma dádiva, tornam-se o reflexo da amargura que lhe trespassa a alma. A brisa fresca, alheia aos seus desaires, brinda-a com ternura. A mesma que acaricia os montículos da carrasquinha. Por entre os arbustos esvoaçam dezenas de borboletas brancas e amarelas. Uma contradança arrebatada. Nas encostas, o rosmarinho acolhe as laboriosas abelhas.

Finalmente consegue sorrir. Lembra-se de que leu algures que a vida dos homens e a do planeta dependem da vida das abelhas e não deixa de ser caricata a destreza com que a Mãe Natureza equilibra as desvantagens ao tamanho do corpo.

Por aqui e por ali, a ilusão sussurra nos grandes tufos de flores que se espreguiçam ao sol. É sempre assim nesta altura do ano. O Alentejo cintila como se do jardim do Éden se tratasse. Numa derradeira tentativa para se focar na envolvimento, enche novamente os pulmões de ar. A necessidade de sentir todos esses bálsamos a afagar-lhe o fundo do ser é enorme. Mas sente que não está a resultar. Parece uma intrusa na sua própria terra. Sempre amou o Alentejo, do

mesmo modo que se venera um amor vindouro. Desde a meninice que sente cada pedaço deste chão, igual a quem ama um filho parido a ferros. Bem-querer fruto da educação que recebeu. Cresceu por entre o montado e, apesar de viver na cidade há muito tempo, foi a vida no campo que a moldou, quando era dominada pela ambição de ir mais além... Os sobreiros e as oliveiras foram a sua verdadeira ama e a vasta planura sempre exerceu sobre si um efeito calmante, como se de ópio se tratasse. O barro do solo e a alvura das paredes caiadas, tão próprios destas paragens, comparava-os muitas vezes ao conforto de um abraço apertado.

Sem que entenda porquê, hoje tudo lhe parece frio ou ausente. Se assim não fosse, a mistura agridoce que rodopia no ar talvez lhe trouxesse a alegria dos tempos da infância. Era capaz de dar a vida para voltar no tempo, quando, em alegres brincadeiras, rebojava sobre a erva verde, tal animal bravio que rejeita ser domesticado.

Retoma a caminhada e, alguns metros mais à frente, é assaltada pela desalumiada certeza: nas últimas duas décadas a vida não foi um caminho que percorreu, mas uma corrente que a arrastou. E agora sente o que sentiria se o aço frio de uma enxada lhe rasgasse o cérebro de par a par. Volta a amolecer o passo e perde-se na claridade do céu, de um azul que fere o olhar.

Cerra os olhos e, mais uma vez, se abriga nas recordações. É tão estranho, embora acolhedor, este sentimento de regressão. Igual à lâmina de uma navalha de dois gumes. Por um lado, dá-lhe ânimo e coragem para enfrentar a caminhada; por outro, tem força suficiente para lhe distorcer o raciocínio e, aos poucos, um deserto toma a proporção de um enorme buraco escuro. As lembranças deslizam atabalhoadas. Tem falta de ar e sente uma saudade aflitiva. Onde estará a catraia? Apetece-lhe gritar. Mas não consegue.

Onde foi que se perdeu da rebeldia e da aventura? Era um misto de terra e ar que sonhava mudar o mundo. A alegria passou a ser uma língua estrangeira que há muito deixou de falar. Nem vale a pena perder tempo a questionar quando ou onde se afastou de si mesma. Com o passar dos anos deixou de se reconhecer na banalidade dos gestos e isso, por agora, basta. Está prestes a chorar. Sabe que um dia, sem mais nem porquê, adormeceu menina e acordou mulher. As circunstâncias

obrigaram-na a amadurecer e, ao fim de muito pouco tempo, tinha envergado um vestido de incertezas. Quando deu por si, estava atolada num terrível pesadelo. Uma espécie de inferno terreno que dura há quase vinte anos.

A paisagem, entretanto, ganha a dimensão de uma tela de cinema e a principal personagem é a desilusão.

Os pensamentos continuam a correr alvoroçados. Escorregam presos como sanguessugas ao peso das recordações. Há memórias turvas que vão e vêm em turbilhão, reunidas ao sentir perplexo e dorido. O dar e o ser sustentam-se nas gotas de sal que acabam por lhe ferir a face. As lágrimas deslizam silenciosas e até as lembranças dos momentos rudes começam a competir com os feixes de lenha ressequida pelo sol, encostados aos troncos das velhas azinheiras. Trata-se de pequenas paveias, onde o bem e o mal parecem encaixados em nuances negras ou de um cinzento esbranquiçado e inocente. Pena que, quase sempre, o mal e a escuridão levem a melhor ao fundo da alma.

Constantemente se ouve dizer: quem nasce de um caminho arrepiado tarde ou nunca encontra uma estrada sem curvas; milhentas são as contracurvas.

Padece de uma letargia ambígua. Capaz de turvar o azul do céu. Prestes a tornar-se numa aliada perigosa. Começa a sentir um sentimento agoirento e desprevenido. Permanece incapaz de lutar contra a tempestade e, mais uma vez, engole os soluços. E um grito morre antes de nascer.

Perdeu há muito a noção do tempo. Não sabe há quantas horas se encontra a caminhar na estrada. A sucessão das horas deixou de fazer sentido. Seguirá sem destino até que encontre um local seguro onde possa recomeçar. Ao fim de tantos anos, dá por si a transpor o impossível. Foge de uma existência que lhe revolve as entranhas e, subitamente, sente uma indisposição. A água cresce-lhe na boca e rivaliza com os carracenos que remexem a terra vermelha. Charruada fresca de há poucos dias e que se ergue mesmo na sua frente.

As aves, envoltas num manto branco e acetinado, procuram minhocas e larvas de insetos entre os torrões húmidos pela orvalhada da noite. Depois de saciarem a fome, saltitam de um lado para o outro. Observa a passarada de pernas compridas e bico encarnado e pensa que seria capaz de trocar a sua vida pela deles. Mas a ilusão desfaz-se num

instante. Volta a cair no mesmo abismo, com as aves a cravarem-se-lhe no alto da cabeça. Bastou olhar para elas para saber ao que vinham. Agora depenicam-lhe o cérebro, abrindo chagas profundas por onde a vida se entorna, gota a gota.

Não consegue perceber que começa a perder a noção da realidade e, mesmo assim, insiste em chegar a bom porto. Tenta atirar para trás das costas os malditos pensamentos, consciente de que a vitória nesta jornada depende da sua capacidade para lhes resistir. Engole os soluços e, com enorme esforço, consegue ignorar os pássaros. Volta a fixar a atenção nos terrenos, ao longe.

Não está sozinha. Ocultas nos robustos tufos de erva, rendilhados pelo colorido que empresta à terra a beleza de uma aguarela, alheias à exuberância da paisagem, as vacas surgem vagarosas em enormes manadas, na companhia dos carracenos.

Sorri para os animais de raça Limousine que pastam silenciosos junto da jeira charruada. Por esta altura, a fadiga apodera-se dos passos. O esforço a que tem estado sujeita nas últimas horas é um fardo desmedido. Ainda assim, tenta ignorar o tremor das pernas. Parece pasmada com a quantidade de cabeças de gado que a vista alcança. Por breves instantes, consegue esquecer a dor na sola dos pés e dá por si a pensar:

«Nunca se viram tantos animais num só local. O Alentejo virou Quarteira de gado, tal como a minha vida há muito virou Quarteira de nada.»

Prontamente, a solidão cava crateras na vontade. O corpo dobra-se sobre si mesmo, as pernas adormecem, transformadas em autênticos madeiros que recusam puxar pelo resto do tronco.

Como se reconhecessem a sua exaustão, dois enormes animais aproximam-se da vedação de arame farpado, encostada à valeta da estrada. Olham-na fixamente, com curiosidade. Sentir os bichos tão perto traz-lhe reticência, mas também um inesperado conforto.

Depressa esquece o gado e fixa o olhar nas pontas do arame farpado. Beijadas pelos raios de sol, as farpas brilham na sua direção com um descaramento cortante. Incrível, juraria que o que brilha ao sol não são as pontas de um metal qualquer. Um mar de espigas de trigo parece escarnecer da sua fome. Aproxima-se da cerca. Diz-se que a curiosidade matou o

gato, mas há que verificar se o resplendor pertence de facto ao trigo:

«Sim!... Espigas douradas.»

A emoção extravasa na voz cavernosa, arrancada do fundo da alma. Perplexa, avança mais um pouco. Precisa de tocar na matéria concreta. Estende a mão, mas, antes de alcançar o arame, o dourado das falsas espigas arrasta-a para a memória do pão. Baixa-se para lhes sentir o cheiro, mas desequilibra-se no relevo acidentado do terreno e quase cai na valeta. Se não se segurasse na barreira farpada, teria esbarrado com a cara no chão. Contorce-se quando uma das pontas trespassa a pele fina. Dá dois passos atrás, em sobressalto, e cai de costas na valeta. O sangue não se faz esperar, escorre morno por entre os dedos. Ao ver tanto sangue, fica, por instantes, com o semblante desfigurado.

O caminho está aberto ao declínio mental.

Mergulhou num lameiro sem retorno e o medo surge.

Como pôde confundir bicos de aço com espigas de trigo?

Onde é que o arame se mistura com o dourado do pão?

Encolhe os ombros. Espigas ou arame, são armadilhas absurdas, não há tempo a perder com devaneios. Sacode a mão com energia para se livrar do excesso de sangue, e as gotas caem-lhe aos pés, penetrando o chão que pisa.

Foi com um esforço sobre-humano que contrariou o impulso de se deixar ficar estendida ao comprido. Ergue-se num repente, despe o casaco, enrola-o à volta do golpe e retoma o arrastar do corpo pela estrada fora. Ergue os olhos ao alto, em súplica, e solta um grito que se aloja na imensidão do céu:

«Ah! Preciso de forças, não posso parar. Estás a ouvir? Tudo o que Te pedi nada me deste, ou quase nada me deste. Agora, exijo que me ouças com atenção. Estás a ouvir? Ajuda-me e leva-me o mais longe e o mais rápido possível. Por favor, escuta, leva-me para além, nem que seja pelo caminho do impossível...»

Permanece alguns segundos de cabeça levantada, na peugada de alguma figura celeste que acolha a prece. Depressa se sente espoliada de qualquer aspiração. Afinal, apenas o céu resplandece no alto, despido de presenças. Nem uma nuvem sequer. Maldito céu, está sempre envolto na alvura sem sentido.

A presença de uma mulher sofisticada e cidadina naquele marco do Alentejo profundo é um quadro tão absurdo que até a manada termina a pastagem, e seguem caminho de cabeças erguidas. Entretanto, ela olha demoradamente para os animais que se afastam, enquanto abana a cabeça para cima e para baixo. Talvez porque acredita que uma delas baixou a sua, com certeza em sinal de ovação.

Loucura! Agora é a alucinação dos desesperados que se apodera do raciocínio. Para lá do gado, do arame e do sol, a alheação passa a ditar as regras. E de mãos dadas com o medo e com o cansaço, adquire a forma de um demónio que, mais cedo ou mais tarde, lhe sorverá a alma. Sente as pernas tremer como varas verdes, o suor ensopa a roupa e o corpo é sacudido por calafrios enquanto o sangue continua a alagar o casaco. Num breve rasgo de lucidez, enche o peito de ar, lutando para esvaziar o tremor. Desvairada, volta a vociferar:

«Sê bem-vinda, amiga, e junta-te ao grupo que caminha para nenhures!» Uma, duas, uma dúzia de vezes.

Grita para a própria loucura, e os gritos alucinados ressoam por entre o chiar dos pneus no asfalto. Com a força de tanto gritar, sente a cabeça prestes a rebentar e lá estão, novamente, os malditos estalidos nos ouvidos, semelhantes ao barulho do vento por entre as ramagens dos sobreiros em dias de temporal. Apressa o passo, sem saber onde o seu corpo franzino vai buscar forças. A prioridade voltou a ser debandar, fugir para o mais longe possível, e pensa outra vez em voz alta:

«Estalidos são ratos presos na ratoeira.»

Corre e grita para as vacas:

«É bom que saibam, mulher alguma deve ter medo de ratos!»

O sol vai alto e o morno do raiar da manhã cede ao calor quase abrasador, desmedido para a época do ano. O pensamento desliza; o sangue, finalmente, estancou. As moscas rodeiam-lhe o corpo, atraídas pelo odor adocicado. Sob o braseiro, sente a mente encaldada. Ao ouvirem as primeiras palavras, as vacas dão meia-volta e retrocedem no pasto, aproximam-se de novo da vedação. «Está tudo mudado... está tudo mudado!» Prolonga a conversa com os animais. «Antigamente não se via este tempo. Quando eu era criança ainda existiam o inverno e o verão. Não sabiam, pois, não? Afinal, vocês não passam de gado acomodado. Parvas, é o que

são. Estão sempre à espera do dia em que vão cair no prato de um qualquer, sem oferecer resistência. Estamos no fim do mundo, tal como profetizam os velhos da região. Também o ignoram? Está mais do que visto. Esperem... Não conhecem o Bandarra?»

O desvario remete-a a um ponto-chave da meninice. Cresceu na casa dos avós paternos e o avô Jaime contava-lhe histórias antigas. O velhote apelava frequentemente às profecias do Bandarra. Pelos vistos, o profeta popular fez o favor de semear o vaticínio na demência. Sempre ouviu ao avô: “Bandarra foi um sapateiro de Trancoso, nascido por volta de mil e quinhentos, que deixou atrás de si uma vasta obra profética. Os vaticínios passaram de boca em boca, de geração em geração, até aos dias de hoje. O sapateiro anunciava o fim do mundo; segundo ele, a catástrofe ocorreria por volta do ano dois mil.”

«Mas o ano dois mil já lá vai!...»

Estranha e perentória é a necessidade que agora a assalta. Precisa de resgatar uma ou outra lengalenga do velho profeta, talvez a jornada fique mais leve. Só que a memória teima em falhar. O maldito cansaço, de mãos dadas com o entusiasmo do sol, a fraqueza das pernas e a fome no estômago, embarga mais uma vez o raciocínio. Lembrar-se da bendita ladainha tornou-se caso de vida ou de morte. Caminhar perdeu a prioridade; a primazia pertence ao velho profeta. E ela acaba por se sentar na beira da estrada, como se, de repente, colhesse todo o vagar do mundo. Enterra a cabeça entre as mãos e, ao fim de uns segundos que mimetizam a eternidade, as palavras afloram. Levanta-se de um salto e, entre risos roucos e espaçados, abre os braços, ergue as mãos bem acima dos ombros, as palmas voltadas para o alto. Em voz pausada, declama de frente para a manada, que permanece expectante. Não é só para as vacas que fala; o público estende-se aos pássaros, às flores, ao azul do céu e, sobretudo, à maldita cerca de arame farpado:

Vejo o mundo em perigo,
vejo gentes contra gentes.
Já a terra não dá sementes
senão favacas por trigo!
Já não há nenhum amigo,

nenhum tem o ventre são!
Somos já vento suão
Que não tem nenhum aviso.
(Bandarra, sapateiro de Trancoso)

«Ouviram? Afinal o velho Bandarra sabia muito bem o que estava para chegar.»

O arrebatado discurso não impede o sentimento de fraude. Tudo diz que os animais emouquecem de repente. A meio da dissertação, as aves levantam voo, assustadas, e a manada retoma o habitual modo pachorrento de pastar.

Depressa se esquece da desilusão e regressa à infância. Encontra-se sentada ao colo do avô Jaime. O velhote, por sua vez, acomoda-se num velho mocho de madeira enegrecida, ao canto da ampla chaminé de uma casa de chão de terra batida e telhado de telha vã. Até o crepitar do lume embala as brincadeiras de menina. Uma criança descontraída e feliz, enquanto ouvia, em deleite, as histórias contadas por aquela voz suave e carinhosa. Reanimava sentir o amor de quem conhecia, ao mesmo tempo, o peso de ser pai e avô. O país, por esses anos, roubava a mocidade aos rapazes, lá longe, do outro lado do mar, onde, tal como reza a velha cantiga: “O sol castiga mais.” Cresceu na época em que restava aos velhos o papel de criar os netos e amparar as mulheres. Animada pelas boas recordações, mete de novo os pés ao caminho e tudo ganha uma leveza momentânea. Mas o estômago rói-lhe o sentido, e a boca seca torna-se outro martírio com o qual terá de lidar. Os lábios gretados doem e sangram devido à sede. Na expectativa de amainar o sofrimento, molha-os amiúde com a saliva, mas até esta se esgota, neutralizada por uma secura moribunda. Quem não arreda pé são as pontas do arame farpado, cravadas no céu-da-boca. Pensando bem, talvez não seja o arame que a trespassa; a culpa pertence às pontas das espigas.

«Sempre me odiaram!»

Como quando era cachopa e se escondia entre os fardos de palha ou nos montes de centeio e cevada, espalhados pela charneca até seguirem para a eira. Depois eram verdascados por mãos fortes e calejadas, que separavam o grão à força de malho. O mesmo destino esperava o milho e o tremço, e ela

julga sentir o raio do malho a martelar-lhe a cabeça até que rebente. Não se lembra de ter feito mal às espigas, mas, se calhar, fez. E muito menos ao malho. Verdade seja dita, as espigas perseguiam-na. Gostava de lhes tirar as barbas para enfeitar o rabo do Tareco. O pobre gato não achava graça e fugia a sete pés, pelo campo fora, mas acabava por voltar ao ponto de partida com a disposição de sempre. Ao fim de alguns minutos, esquecia o episódio e esticava-se ao sol, defronte da robusta figueira, na rua do monte. Estende a mão para afagar as costas do bicho e quase cai de novo na valeta. Sem dúvida, a lucidez arreda pé sem dó. Cruel é a sombra que paira sobre a cabeça, num combate desigual com o desvario. E o malho desapareceu. A loucura, sombra que atinge a humanidade. Para quê pensar nela? Se existe, é porque o medo impera.

Pensa em desistir da jornada, reduzida a quase nada, com o estômago contraído pela fome e pela sede. Tem o coração exausto, a cabeça a latejar e as pernas parecem cepos inúteis. Até quando suportarão o peso do corpo? Os passos encurtam e as vacas há muito lhe viraram as costas, afastadas pela planície. Neste momento, até o delírio emudeceu. Só os carros continuam a esmagar o asfalto em correria, sem que quem neles viaja se importe com a presença daquela mulher. Não deixa de ser estranho. Sendo figura conhecida em Évora, não se explica o alheamento geral. Será que não circula na estrada um único conhecido? Ninguém se aflija ao ver uma mulher perdida no descampado a esta hora do dia?

De repente, um novo pensamento inunda-lhe ânimo e a breve esperança acalenta-a. A seguir à curva, talvez se encontre um café de beira de estrada, alguma tasca rural que se atreva a sobreviver à modernidade das autoestradas e às elegantes áreas de serviço, repletas de montras de recordações, com lavabos espelhados e malcheirosos. Espaços cheios de comida embalada com sabor a plástico, onde os produtos regionais pedem licença para coabitar com o avanço civilizacional.

Ninguém dá por ela. Aos olhos dos viajantes que percorrem a velha estrada nacional entre Évora e Montemor-o-Novo, surge apenas uma mulher a caminhar em aparente serenidade. O mundo vive absorto em problemas próprios; o alheamento tornou-se de tal maneira rotineiro que o motivo de interrogação de outrora agora passa ao lado, invisível. A

marcha penosa afogueia-lhe o rosto de traços campestres. Se não fossem as profundas olheiras que lhe desfiguram as feições, seria a mais bela das mulheres. Os olhos encovados guardam a marca do desamor e da intolerância. A falta de afeto e a intransigência moldaram o sofrimento que lhe curva as costas. Porque nos dobramos tantas vezes perante a realidade? Pergunta mesquinha na solidão rodeada de gente.

Por bagagem, leva preso ao ombro esquerdo um pequeno saco de pano. No interior adivinha-se a carteira, o telemóvel e pouco mais. Transporta também a expectativa de uma vida melhor. Quantos anseios renegados se esfumaram entre as primaveras, adormecidos em ilusões. Foi assim que viveu, dia após dia, noite após noite. Se não fosse o filho, homem feito e com futuro, a existência seria o mais negro dos fracassos. Nesta hora nem se foca no papel de mãe; do filho tratará mais tarde. Quer lá saber o que ele pensará quando notar a ausência. Se é que alguém notará. O rapaz partiu mal atingiu a maioridade e ela não lhe leva a mal; os jovens devem ganhar asas, a vida assim o ordena. Todos precisamos de ser donos do próprio destino, embora ela jamais o tenha sido. Por mais de duas décadas, viveu atolada num mar de sonhos desfeitos pelo tempo, estagnada nas mesmas desculpas insignificantes que serviram de pretexto e trave-mestra para uma vida rastejante. Alheia às necessidades próprias, concentrou-se em satisfazer as dos outros. As suas podiam esperar; iludiu-se anos a fio até que, na madrugada anterior, o ciclo se interrompeu.

A meio da noite, um monólogo cruel arrebatou-a ao sono. Repetiu-se o cenário de tantos anos: um gritava enquanto o outro escutava em silêncio, aterrorizada com o palavreado encarreirado pelo bafo alcoolizado. Foi a última vez que aceitou a humilhação e a violação da condição de mulher, submetida a uma garrafa de uísque e aos músculos do marido, rudes e a exalar ódio. Libertou-se ao bater com a porta. Correu dali para fora, embrenhou-se na escuridão gelada e até a lua minguante fez questão de lhe virar as costas. Ao sair de casa, comparou a vida àquele quarto crescente invertido, em minguia contínua durante demasiado tempo.

Um camião passa rente ao corpo e a forte buzina soa como um grito de morte, fruto da diversão de um camionista entediado. O estrondo desperta-a do inferno, qual ciclone. Ao transpor a curva, o desespero venceu. Só avistou estrada e mais

estrada; afogou-se no alcatrão a esperança de reconfortar o estômago. Sentindo-se insignificante, gritou:

«Mesquinha é a vida quando a sorte nos vira as costas!»

Com um salto, vê-se novamente dentro da valeta. Regressam os estalidos, longe de parecerem o uivo do vento; o som assemelha-se a vidros em estilhaços. Em choque, cai desamparada sobre os joelhos. Nas lágrimas que lhe correm pela face, desfila a vida de casada. A última imagem retida é a de algo que se rompe. Um reflexo difuso que a perseguirá. Levará uma eternidade até entender se na noite anterior partiu um objeto ou se os fragmentos resultaram do coração, estilhaçado entre a revolta e o pânico. Na valeta, o peito e a mente trancam-se ao sabor dos soluços, com tal brusquidão que nem se apercebe do carro que acaba de parar. Ainda assim, estremece quando sente umas mãos possantes a segurá-la debaixo dos braços, conduzindo-a com cuidado para o interior da viatura.

Sem oferecer resistência, à semelhança dos animais acomodados que criticara, vê-se sentada no banco ao lado do condutor. Cerrou os olhos ao toque das mãos alheias e assim os mantém, entre soluços, pelo medo de enfrentar um novo pesadelo. Ignora que o destino se liga agora ao fadário, responsável por ditar o caminho e as batalhas vindouras. O carro parte vagaroso e, para trás, na estrada, o casaco ensanguentado funde-se com o alcatrão; decorrido pouco tempo, nem o rastro restará.